

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS - FRANCÊS

Sabedoria e infância em *Primeiras Estórias*

Estela Kenne Braga

Porto Alegre

2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS- FRANCÊS

Sabedoria e infância em *Primeiras Estórias*

Trabalho de Conclusão de Curso

Estela Kenne Braga

Orientador: Antônio Marcos V. Sanseverino

Porto Alegre

2009

SUMÁRIO

SUMÁRIO	3
RESUMO	4
RÉSUMÉ	5
INTRODUÇÃO.....	6
O Menino: Das margens aos cimos.....	9
Nhinhinha: A Criança Divina	17
Brejeirinha – A imaginação navega	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	31
ANEXOS.....	33

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar aspectos da sabedoria no livro *Primeiras Estórias*, de Guimarães Rosa, principalmente no que concerne aos personagens Menino, Nhinhinha e Brejeirinha. *Primeiras Estórias* é um livro que reúne vinte e um contos cujos personagens principais geralmente são loucos e crianças. Porém, a sabedoria está presente em todo o livro, em seus diferentes aspectos, como a sabedoria inata e a sabedoria construída ao longo do tempo. Através da figura do Menino, personagem do primeiro e do último conto do livro, vemos uma criança que possui uma grande sensibilidade questionar problemas existenciais, como a vida e a morte, já em suas primeiras descobertas, e sua evolução com o passar do tempo. Ele descobrirá a decepção, mas também o otimismo. Nhinhinha, por sua vez, é uma criança que vive num lugar distante no interior do Brasil, uma realidade bem diferente do urbano Menino. Ao contrário dele, não aprende com o tempo e a experiência, pois já nasceu sábia. Não se sabe se ela é uma santa ou louca. É uma menina que não é compreendida e que realiza milagres através da palavra. Por último, Brejeirinha também é uma criança do campo, que transforma sua realidade com a imaginação, porém sem realizar milagres. Seu dom é saber unir o mundo real e o imaginário. Estudar a sabedoria em *Primeiras Estórias* torna-se interessante porque ela está em quem menos se espera, de diferentes formas e muitas vezes de forma implícita.

Palavras-chave: Sabedoria; crianças; contos.

RÉSUMÉ

Ce travail-là a le but d'analyser des aspects de la sagesse dans le livre *Premières Histoires*, de Guimarães Rosa, principalement en ce qui concerne les personnages Menino, Nhinhinha et Brejeirinha. *Premières Histoires* est un livre qui réunit vingt-et-un contes dont les personnages principaux généralement sont des fous et des enfants. Cependant, la sagesse est présente dans tout le livre, dans ses différents aspects, comme la sagesse innée et la sagesse construite au long du temps. Au travers de la personne de Menino, personnage du premier et du dernier conte du livre, on voit un enfant qui a une grande sensibilité pour réfléchir aux questions de l'existence, comme la vie et la mort, dès ses premières découvertes, et son évolution avec le temps. Il découvrira la déception, mais aussi l'optimisme. Nhinhinha, par contre, est une enfant qui habite à la campagne, une réalité très lointaine de celle du milieu urbain de Menino. Contrairement à lui, Nhinhinha n'apprend ni avec le temps ni avec l'expérience, car elle a déjà née savante. On ne sait pas si elle est sainte ou folle. Elle est une fille incomprise qui fait des miracles par ses mots. Enfin, Brejeirinha est aussi une enfant de la campagne, qui transforme la réalité avec l'imagination, mais sans faire des miracles. Son don est savoir unir les mondes réel et imaginaire. Étudier la sagesse en *Premières Histoires* devient très intéressant parce celle-là est apparaît là où on s'attend le moins, de nombreuses façons, parfois implicites.

Mots-clés : Sagesse ; enfants ; contes.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo estudar aspectos da sabedoria em *Primeiras Estórias*, de Guimarães Rosa. Para isto, foram analisados principalmente os contos “As margens da Alegria”, “Os cimos”, “A menina de lá” e “A partida do Audaz Navegante”, onde aparecem as crianças Menino, Nhinhinha e Brejeirinha. Comparados a eles, também foram brevemente comentados os contos “Nada e a nossa condição” e “Um moço muito branco”. A sabedoria, um conhecimento construído pela experiência de vida, está presente durante todo o livro, de diversas formas.

São vinte e um contos, dispostos em uma ordem pensada:

Embora “diversas” temática e estilisticamente, as vinte e uma narrativas de *Primeiras Estórias* não são uma seqüência aleatória, mas um ciclo de “exercícios” no duplo sentido da palavra: exercícios espirituais ou meditações e exercícios de virtuosismo que lembram certas composições musicais, cuja finalidade é a de treinar a habilidade das mãos” (ROSENFELD, 2006, p. 152)

Como se pode ver acima, Segundo ROSENFELD (2006), *Primeiras estórias* é mais do que antologia de contos, pois traz uma seleção e uma disposição ordenada dos contos. Assim, temos uma tríade composta pela primeira, pela última e a décima primeira estória, “Espelho”, que se situa no centro da obra. A primeira e a última são protagonizadas pelo personagem Menino, personagem analisado neste trabalho. A segunda tríade é formada pelos contos 6 (A terceira margem do rio), 12 (Nada e a nossa condição) e 17 (A benfazeja), estórias que retomam alguns temas de *Grande Sertão: Veredas*, como o mal e a Graça. Estas duas tríades formariam o esqueleto da obra. As demais estórias também possuem correspondências, como o mito em “A menina de lá” e “Um moço muito branco”, etc.

Se seguirmos a leitura de Rosenfield, a sabedoria está nos contos, mas não como um tema explícito, nem como princípio estruturante do livro. A

maioria dos personagens é de pessoas que, na vida, não ganham voz nem são chamados de sábios. São loucos, crianças, “taciturnos, desajeitados e ensimesmados, que nem tentam exprimir-se e passariam despercebidos pela vida se não encontrassem quem lhe emprestasse voz” (RÓNAI, 2001, p. 20). Eles nos mostram que a fronteira entre bem e mal, sabedoria e normalidade muitas vezes é tênue:

Rodeados da áurea de sapiência e santidade de que os cerca o povo, exibem infindáveis esfumaturas e gradações da demência. Impossível traçar, aliás, a linha de demarcação entre esta última e a normalidade, tanto mais quanto por vezes a mais previdente e calculadora sabedoria se disfarça em mania (“Nada e a nossa condição”), enquanto a loucura pode heroicamente adotar soluções de bom senso que a razão pusilânime não ousa levar em consideração (“A benfazeja”) ou recorre a ardis de incrível sagacidade (“O cavalo que bebia cerveja”). Desmascarada e refreada quando irrompe num ímpeto (“Darandina”), a alienação é aceita como parte dolorosa da rotina da vida quando se declara paulatinamente (“A terceira margem do rio”). Ao contista suas variantes interessam não como casos clínicos (embora freqüentemente revele conhecimentos fora do comum, relacionados com seus antecedentes de médico), e sim como campo propício à invasão do irreal, do irracional, do mágico – numa palavra, da poesia [...] “Ninguém é doido. Ou então, todos”. A loucura enche os vazios da vida, solta fogos de artifício, escancara os horizontes. (RÓNAI, 2001, p. 22)

A dificuldade de delimitar as fronteiras entre razão e loucura torna o tema interessante. Como ver a sabedoria nos loucos? Por que escolher as crianças? Crianças e loucos possuem suas semelhanças, como uma constante tensão e problematização da censura e das regras do mundo adulto ou da suposta normalidade. Assim, ler *Primeiras Estórias* é perceber que vários aspectos se repetem, mas de maneira tão original que reler observando como se configuram com cada um torna-se um bom desafio. Este é o motivo desta pesquisa.

O Menino, por sua vez, é o primeiro personagem que aparece no livro. Ele nos oferece uma sabedoria que está sendo construída na medida em que ele vai aprendendo, mais com a vida do que com o que lhe ensinam os adultos. É uma sabedoria que parece mais própria aos velhos experientes e que o Menino aprende surpreendentemente cedo. É a sabedoria como definida pelo próprio Guimarães Rosa, em entrevista para Günter Lorenz:

A sabedoria é algo distinto da lógica. A sabedoria é saber e prudência que nascem do coração. Minhas personagens, que são sempre um pouco de mim mesmo, um pouco muito, não devem ser, não podem ser intelectuais, pois isso diminuiria sua humanidade. (ROSA apud COUTINHO, 2001, p. 92)

Seguindo a declaração de Rosa e a boa descoberta do Menino, que se apresenta com o tão interessante aspecto da aprendizagem, de que está construindo ainda o que sabe – e que evolui muito no último conto – buscou-se trabalhar com outras crianças do livro que também revelassem aspectos da sabedoria, mas de forma diferente. É assim que se chega às figuras de Nhinhinha, com suas fronteiras entre uma possível loucura e a aparente sabedoria inata e de Brejeirinha, que como disse Rosa, possui o saber que vem do coração: ela sabe mesmo sendo uma “analfabetinha”.

O presente estudo se concentra, então, na figura destas três crianças e nas relações entre elas e os demais personagens com que elas convivem. Estudá-las é justificável e importante na medida em que a leitura dos contos que as apresentam é um mundo a devassar, uma atividade que revela aspectos a cada nova leitura e faz refletir: Menino, Nhinhinha e Brejeirinha têm muito a ensinar, a compartilhar seus saberes. Já Guimarães Rosa é um autor reconhecido que já foi vastamente estudado através de seu romance *Grande Sertão: Veredas*, mas ainda é pouco estudado em *Primeiras Estórias*. Busquemos, então, a sabedoria dentro de *Primeiras Estórias*, e tudo que ela pode nos oferecer.

O Menino: Das margens aos cimos

Paulo Rónai, em seu ensaio “Os vastos espaços”, define bem a experiência de aprendizagem de *Primeiras Estórias*. Crianças com olhos virgens a descobrir o mundo e, assim, construir sua sabedoria. Um bom exemplo disso é o caso do personagem Menino, que começa e encerra *Primeiras Estórias* com, respectivamente, “As margens da Alegria” e “Os cimos”.

Ou ainda tropeçam nos pedregulhos da palavra ou já se deslumbrem com a sua cintilação, embrenham-se com olhos virgens nos mistérios do mundo e voltam com excitantes descobertas. Nos contos inicial e final realiza-se a *gageure*¹ de fazer desfilar pela sensibilidade de um menino, com o pensamentozinho “ainda na fase hieroglífica”, os grandes problemas existenciais do bem e do mal, e através de sua decifração, é transmitida uma mensagem de otimismo e de fé. (RÓNAI, 2001, p.23)

Nestes contos podemos acompanhar o caminho do aprendizado do Menino, ainda muito criança, mas com uma sensibilidade especial que o fará aprender. Os títulos dos contos, “As margens da Alegria” e “Os cimos”, traduzem bem a evolução pela qual ele passará, das margens aos cimos. Não quer dizer que chegará à perfeição. Mas passará de apenas um menininho que mais sente do que reflete para uma criança que descobre problemas existenciais que muitos adultos ainda não souberam refletir. Morte e vida, dor e alegria, o Menino descobrirá diferentes esferas desses aspectos, de uma maneira em cada conto, e verá o otimismo aparecer após decepções.

O que nos diz Rónai sintetiza muito bem a trajetória do Menino e nos mostra o desafio de Rosa ao discutir através de uma criança alguns problemas existenciais. Mas justamente crianças e loucos que estarão no centro da discussão de *Primeiras Estórias*, que começaremos a estudar a partir de seu primeiro conto e primeira fase da vida do Menino em “As margens da alegria”.

¹ Desafio. (Larrousse, 2007)

Em “As margens da Alegria” temos a primeira viagem de avião do Menino, para uma cidade que também desconhece, o “lugar onde se construía a grande cidade”, provavelmente Brasília. Era uma viagem rumo ao desconhecido:

A vida podia às vezes raiar numa verdade extraordinária. Mesmo o afixarem-lhe o cinto de segurança virava forte afago, de proteção, e logo novo senso de esperança: ao não-sabido, ao mais. Assim um crescer e descontentar-se – certo como o ato de respirar – o de fugir para o espaço em branco (p. 49)²

Pode-se observar, assim, que tudo é novo para o Menino, que provavelmente ainda é muito pequeno. Nova – e intensa – também é a experiência de sair sem seus pais, ainda que esteja bem cuidado por seus tios, que faziam com que antes mesmo que ele tivesse alguma necessidade já a tinha suprida: “as satisfações antes da consciência das necessidades. Davam-lhe balas, chicletes, à escolha. [...] Ainda nem notara que, de fato, teria vontade de comer, quando a Tia já lhe oferecia sanduíches”. Se a Tia se preocupava com o bem estar físico do Menino, o Tio estimulava sua aprendizagem e tentava guiar seu olhar, que, inquieto, por vezes desobedecia. É aí que começa a descoberta – do concreto e do abstrato, do que o Tio pode ensinar e do que pode descobrir sozinho, o mundo:

O Tio ensinava-lhe como era reclinável o assento – bastando a gente premer manivela. Seu lugar era o da janelinha, para o móvel mundo. Entregavam-lhe revistas, de folhear, quantas quisesse, até um mapa, nele mostravam os pontos em que ora e ora estava, por cima de onde. O Menino deixava-as, fartamente, sobre os joelhos, e espiava: as nuvens de amontoada amabilidade, o azul de só ar, aquela claridade à larga, o chão plano em visão cartográfica, repartido de roças e campos, o verde que se ia a amarelos e vermelhos e a verde; e, além, baixa, a montanha. (p. 50)

Nesse trecho é possível observar que o desvio da atenção do Menino, o desobedecer, é também uma importante forma de aprendizagem: tão importante quanto o Tio lhe mostrar mapas e revistas é o Menino procurar outras coisas, descobrir por si só. Desviando sua atenção, ele parte da

² Todas as citações de *Primeiras Estórias* são de ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Daqui para frente, indicarei apenas o número da página.

representação (mapas) para a imagem real, as nuvens a seu lado, as roças e campos, na visão abrangente de cima. Ao mesmo tempo em que o Menino precisa aprender a sensação de folhear revistas, ver mapas, ele precisa aprender através da sensação de descobrir sozinho dimensões diferentes.

O Menino terminaria a viagem então com “tudo de uma vez, e nada, antes a mente” (p. 51). Estava em plenitude, e a sua satisfação era de modo direto e imediato, seja pela Tia que antecipava suas necessidades (o que o impede de desejar ou precisar de algo e ter que esperar ou batalhar por isso, fator de amadurecimento) ou pelo encanto do que enxergava, no movimento de ver e contentar-se com o que via imediatamente – sem ter que refletir com isso. Querer e ter satisfação imediata mostra bem o caráter infantil do Menino, que era uma criança e vivia como tal, no início de sua trajetória de aprendizagem.

A inquietude de descobrir permanece assim que chega à cidade grande, e em terra firme ver tantas coisas desconhecidas, agora próximas: “Ele queria poder ver ainda mais vívido – as novas tantas coisas – o que para os seus olhos pronunciava.” (p. 51) Tudo que pudesse extrair era pouco. É quando o Menino descobre as árvores e imagina o que elas representam: “podiam sair índios, a onça, leão, lobos, caçadores?” (p. 51). A suspeita não se confirma, mas o Menino vive o núcleo de sua experiência ao avistar o peru:

Senhor! Quando avistou o peru, no centro do terreiro, entre a casa e as árvores da mata. O peru, imperial, dava-lhe as costas, para receber sua admiração [...]Belo, belo!³Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, um transbordamento. Sua ríspida grandeza tonitruante. Sua colorida empáfia. Satisfazia os olhos, era de se tanger trombeta. Colérico, encachiado, andando, gruziou outro gluglo. O Menino riu, com todo coração (p. 51)

O Menino, entre todas as coisas belas que estava conhecendo, parece conhecer a mais bela. É a experiência de um momento único, uma contemplação que não poderia ser repetida. Há uma fusão entre sujeito e objeto. O peru transmite “calor, poder e flor”, e o menino sente esse aconchego, a segurança e a beleza que vêm do pássaro. O pássaro, imperial,

³ O poeta Manuel Bandeira escreveu dois poemas e um livro com o título de “Belo, belo”, anteriores à publicação de *Primeiras Estórias*. É possível que isto tenha inspirado Guimarães Rosa a utilizar essa expressão.

“transborda” esses sentimentos, o que faz o Menino rir “com todo coração”. Ao usar a palavra “coração”, o autor parece transmitir a paz que o Menino sente, enfatizando o aspecto interior dessa experiência. Além disso, a expressão intensifica, como se ele fosse maior e mais verdadeiro – não somente um riso, mas um riso com todo o coração.

A viagem prossegue com o passeio de *jeep*, e tudo que o Menino vê, procura gravar e aprender seu nome: “O Menino repetia-se em íntimo o nome de casa coisa” (p. 51). Muitas flores, frutos, animais. É o ápice da alegria, do encantamento. O Menino une suas descobertas aos sonhos:

Sustentado por sua incessante alegria, sob espécie sonhos, bebida, em novos aumentos de amor. E em sua memória ficavam, no perfeito puro, castelos já armados. Tudo, para a seu tempo ser dadamente descoberto, fizera-se primeiro estranho e desconhecido. Ele estava nos ares. (p. 52)

Ao voltar do passeio, o Menino que havia descoberto a alegria viveria a experiência da morte: o peru foi morto. O Menino aprende, então, que após a alegria muitas vezes vem a tristeza, e que a alegria pode durar pouco, fazendo com que cada momento tenha quer ser bem apreciado, como o instante em que viu o peru:

Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam. Como podiam? Por que tão de repente? Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado mais o peru – aquele. O peru – seu desaparecer no espaço. Só no grão nulo de um minuto, o Menino recebia em si um miligrama de morte. (p. 52)

Em apenas um instante, aquele momento que parecia eterno acabou-se rápido demais. Não teria mais lembrar sem saber que o peru havia morrido. O Menino passou da alegria para a tristeza de maneira repentina demais. Provavelmente pela primeira vez, o Menino tinha consciência do tempo e da finitude. Se antes ele vivenciara a plenitude, agora ele encontrava-se frágil: a fragilidade estava nele, no momento, na vida. Era como se o miligrama de morte tivesse levado um pedaço de si.

Após deparar-se com a morte do peru, o Menino depara-se com outra morte:

O homenzinho tratorista tinha um toco de cigarro na boca. A coisa pôs-se em movimento. Reta, até que devagar. A árvore, de poucos galhos no alto, fresca, de casca clara...e foi só o chofre: ruh... sobre o instante ela para lá se caiu, toda, toda. Trapeara tão bela. Sem nem se poder apanhar com os olhos o acertamento – o inaudito choque – o pulso da pancada. Olhou o céu – atônito de azul. Ele tremia. A árvore, que morrera tanto. (p. 54)

A morte diante dos olhos. O Menino podia ver a destruição daquilo que tanto o tinha maravilhado – a natureza. Estava conhecendo a decepção.

Na última parte do conto, conhecemos a fase do pensamento do Menino: hieroglífica, por imagens. É com outra imagem que ele volta à alegria: a luz do vagalume, como um aspecto de fé, um final redentor – a vida, para o Menino, teria então morte, tristeza, decepção, mas um ponto de luz na escuridão pode trazer de volta o encantamento:

Voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vagalume. Sim, o vagalume, sim, era lindo! – tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a Alegria.(p. 55)

Se antes o Menino descobria a decepção, agora ele redescobria a alegria. A luz do vagalume só é visível à noite: assim também conhecer o lado sombrio da vida faz a alegria ser mais intensa.

Em “Os cimos”, o Menino reaparece. Volta com o Tio à cidade grande, desta vez para se afastar de um problema de dimensões muito maiores do que os enfrentados em “As margens da Alegria”. O conto já inicia com “Outra era a vez”, mostrando continuidade na trajetória do Menino, indicando que aconteceria algo importante como antes (pelo peso da palavra “vez”) e mantendo o caráter de fábula da estória, numa paródia do clássico começo dos contos de fada, o “Era uma vez”. Ao mudar o começo, Guimarães Rosa já indica que teremos uma espécie de “conto de fadas” – mas ele é “outro”, ou seja, a tradição está sendo reescrita, invertendo-se até mesmo o sentido da lição, da “moral da história”.

Agora a experiência era de perigo de morte de sua mãe. Seu pensamento hieroglífico agora dava margem à reflexão, mostrando um amadurecimento do personagem: “Tudo era, todo-o-tempo mais ou menos igual, as coisas ou outras. A gente, não. A vida não parava nunca, para a gente

poder viver direito, concertado?” (p. 225). O Menino toma consciência da passagem do tempo e seus efeitos na vida. Sentimentos como remorso passam por sua cabeça, primeiramente por carregar o macaquinho e depois por não ter estado o tempo todo com sua mãe:

Soubesse que um dia a Mãe tinha de adoecer, então teria ficado sempre junto dela, espiando para ela, com força, sabendo muito que estava e que espiava com tanta força, ah. Nem teria brincado, nunca, nem outra coisa nenhuma, senão ficar perto, de não se separar nem para um fôlego, sem carecer de que acontecesse o nada. Do jeito feito agora, no coração do pensamento. Como sentia: com ela, mais do que se estivessem juntos, mesmo, de verdade. (p. 226)

O Menino entende o que aprendeu com a morte do peru em “As margens da Alegria”, mas dessa vez com um caso de gravidade. Mais maduro, ele entende que deveria passar bastante tempo com a mãe. Ingênuo, não sabe que a dedicação integral lhe seria prejudicial, senão quase impossível. Seguia com o pensamento reflexivo: “Ainda que a gente quisesse, nada podia parar, nem voltar para trás, para o que a gente sabia, e de que gostava”(p. 227). Surge, então, pela primeira vez no texto a idéia de que o Menino tinha pensamentos de adulto: “[...] recebia uma claridade de juízo [...] podendo copiar no espírito idéias de gente muito grande.” (p. 227). Ele sabia que alegria e dor podiam andar juntas, e que não há felicidade completa, num raciocínio sábio demais para uma criança, e que só poderia vir de alguém que sofreu experiências ruins e aprendeu a partir delas:

Mas, naquele raiar, ele sabia e achava: que a gente nunca podia apreciar, direito, mesmo, as coisas bonitas ou boas, que aconteciam. Às vezes, porque sobrevinham depressa e inesperadamente, a gente nem estando arrumado. Ou esperadas, e então não tinham gosto de tão boas, eram só um arremedo grosseiro. Ou porque as outras coisas, as ruins, prosseguiam também, de lado e do outro, não deixando limpo lugar. Ou porque faltavam ainda outras coisas, acontecidas em diferentes ocasiões, mas que careciam de formar junto com aquelas, para o completo. Ou porque, mesmo enquanto estavam acontecendo, a gente sabia que elas estavam caminhando, para se acabar, roídas pelas horas, desmanchadas... O Menino não podia ficar mais na cama. Estava já levantado e vestido, pegava o macaquinho e o enfiava no bolso, estava com fome (p. 228).

Nesse trecho fica clara a mudança do Menino. Se em “As margens da Alegria” era uma criança curiosa que observava muito, agora ainda era criança,

já que carregava seu macaquinho, mas sabia refletir quase como um adulto, com uma sensibilidade notável.

As primeiras lições que O Menino aprendera em “As margens da Alegria” são aprofundadas. Volta o instante (“depressa e inesperadamente”). O “arremedo grosseiro” lembra que a plenitude também só existe em um instante. Por fim, o tempo “rói as horas”, ficando o vazio. Resta ter consciência disso tudo e aprender a lidar com as adversidades da vida. O Menino sabia que esse conhecimento deveria ser usado para viver melhor, viver bem, ainda que haja finitude. Não poderia ficar mais na cama.

A sabedoria do Menino ultrapassa o que, na maioria das vezes, acontece na realidade, o que constitui um momento de artificialidade no conto. O Menino é como um Iluminado, mais sensível do que espera dele, com uma capacidade grande de aprender com a vivência, como uma criança encantada que poderia ser encontrada numa fábula. O próprio fato de não ter seu nome revelado, mas ser referido com letra maiúscula mostra que se trata de alguém especial. Teria essa estória uma moral? Considerando uma fábula como *A Chapeuzinho Vermelho*, pode-se ver que não há uma moral quase catequizadora que mostra aos leitores o que não fazer, nesse caso, desobedecer às ordens da mãe. Mas há sim, algo de bonito para ficar de lição, como num *O Patinho Feio* em que se aprende a relatividade da importância e do padrão de beleza, com o Menino há tudo que ele mesmo aprende para se pensar, não como lição, mas como um aprendizado que se compartilha. A respeito disso, cabe lembrar a questão do narrador, discutida por Walter Benjamin:

O primeiro narrador verdadeiro é e continua sendo o narrador de conto de fadas. Esse conto sabia dar um bom conselho, quando ele era difícil de obter, e oferecer sua ajuda, em caso de emergência. (BENJAMIN, 1994, p. 215)

Mas Benjamin não diz que apenas o narrador de conto de fadas dava conselhos. Dar conselhos é próprio de todo narrador:

O senso prático é uma das características de muitos narradores natos. Mais tipicamente que em Leskov, encontramos esse atributo num Gotthelf, que dá conselhos de agronomia a seus camponeses, num Nodier, que se preocupa com os perigos da iluminação a gás, e num Hebel, que transmite a seus leitores pequenas informações

científicas em seu *Schatzkästlein (Caixa de tesouros)*. Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. (BENJAMIN, 1994, p. 200)

No caso de “Os cimos” e “As margens da alegria”, o narrador usou a experiência e o aprendizado do Menino para dar conselhos. Ao compartilhar o que o Menino aprende sobre a vida, o narrador está fazendo com que o leitor pense sobre a vida. O caráter utilitário não está, portanto, latente, mas não há dúvidas que está presente.

A trajetória do Menino segue com o aprendizado do desaparego. Assim termina “Os Cimos”: sua mãe curada, o macaquinho e o pássaro livres. O Menino recusou-se a prender o pássaro, pois era a visão dele livre que o alegrava. Através do desaparego, podemos iniciar uma comparação entre o Menino e Tio M’Antônio, de “Nada e a nossa condição”. Primeiramente, há o olhar curioso do Menino, comparável às observações do sábio M’Antônio. Há ainda a lição da morte, concreta e pessoal no caso de M’Antônio, ao perder Liduína. É este fato que o leva ao desaparego, abrindo mão de tudo. Nisso difere do Menino, que aprendeu essa lição com a iminência de uma morte que não aconteceu, mas também com a vida, a presença do tucano. Por fim, as reflexões já citadas do Menino lembram o momento em que as filhas de M’Antônio, aflitas, consultam a sabedoria do pai, com uma pergunta também o Menino faria, se já não tivesse concluído sozinho: *"Pai, a vida é feita só de traiçoeiros altos-e-baixos? Não haverá, para a gente, algum tempo de felicidade, de verdadeira segurança?"*(p. 132). Assim como o Menino sabia que só restava aceitar os altos e baixos e manter a esperança, M’Antônio respondeu: *"Faz de conta, minha filha...Faz de conta..."*. O único caminho é aceitar e “fazer de conta” para que o fingir que não há esses baixos torne a realidade como se não tivesse baixos, como uma mágica que na verdade é trabalho árduo.

Observação, reflexão, a morte e a vida sintetizam, portanto, os caminhos que fazem a sabedoria de M’Antônio e a aprendizagem do Menino.

Nhinhinha: A Criança Divina

A estória de Nhinhinha desde o começo do conto possui certa aura de santidade. Um brejo, uma mãe rezadeira e uma menina que já nasce “muito para miúda, cabeçudota e com olhos enormes”. O estranho permanece já que a menina cresce e ninguém entende o que ela fala: “Ele *xurugou?*”⁴(p. 67) ou quem sabe “*pelo esquisito do juízo ou enfeitado do sentido*”(p. 67) como “*Tatu não vê a lua...*”(p. 67), respostas mal dadas como “*to-u...fa-a-zendo*”, no que o narrador em primeira pessoa se pergunta: “Fazia vácuos. Seria mesmo seu tanto tolinha?”(p. 68) – primeira dúvida sobre sua personalidade. Mas as dúvidas aumentam e adquirem caráter misterioso: “*A gente não vê quando o vento se acaba...*” (p. 69), “*Eu quero ir para lá – Aonde? – Não sei*” (p. 69), “*Tou fazendo saudade.*” (p. 69) e “*Vou visitar eles...*” (p. 69).

Após o narrador ter declarado que nunca mais viu a menina, Nhinhinha passa a fazer milagres. Primeiro o sapo que aparece por desejo dela. Depois, a pamonha de goiabada. “O que ela queria, que falava, súbito acontecia.” Como o Menino, sua mãe adoeceu. Como uma santa, sua mãe a devotava e por ela foi curada: “Mas veio, vagarosa, abraçou a Mãe e a beijou, quentinha. A Mãe, que a olhava com estarecida fé, sarou-se então, num minuto” (p. 70). Aqui há semelhanças e diferenças com o Menino: o Menino, após repetir que a mãe estava salva e que ela nunca estivera doente, recebeu a notícia de que a mãe de fato estava curada. Como o Menino é uma criança urbana, que vive em um ambiente não tão crente quanto o interior, não há sugestão por parte dos personagens ou do narrador de que havia acontecido um milagre. Nhinhinha, por sua vez, vive num lugar afastado, num brejo. Ela não afirma ser santa, mas os adultos passam a acreditar que ela faz milagres.

A ligação com os santos cristãos já se manifesta no medo dos pais, que temiam que “os padres, o bispo, quisessem tomar conta da menina, levá-la

⁴ O grifo é do próprio Guimarães Rosa.

para sério convento” (p. 70). Eles sabiam que, caso outros soubessem do segredo, a menina ganharia o mundo, os interesses dos outros, e poderiam perdê-la. Capricho ou sabedoria? Os milagres de Nhinhinha não aconteciam quando lhe pediam, mas na hora em que ela quisesse. Assim, chove quando ela quer – talvez na hora certa. Nhinhinha morre, levando consigo parte de cada um. A Mãe se apegava ao terço. Tiantônia conta, então, o maior e mais misterioso milagre de Nhinhinha: ela adivinhara a própria morte, pedindo seu caixãozinho cor-de-rosa.

Nhinhinha, ao contrário do Menino, não adquire sabedoria através da aprendizagem. Ela parece ser sábia desde sempre, os outros é que não podem compreender, os outros que devem aprender com ela:

O contraste com nosso saber funcional e interessado é evidente. Ela nos ensina uma entrega à vida que só o desapego possibilita. Sua palavra, de tão intensamente colada às coisas que evoca, passa a realizar desejos como a magia de um “abre-te Sésamo”. Essa palavra mágica, como não poderia deixar de ser, é também a palavra poética, “palavra-coisa”, no dizer de Sartre, palavra que não se submete ao referente externo, palavra autônoma, que aponta para si mesma, para sua origem. (ROSENBAUM, 2008, p. 157)

Nhinhinha é dona da situação. Enquanto os outros não a entendem – como se não pertencessem ao mesmo mundo dela, o mundo dos que sabem o que ninguém mais pode saber – para ela é tudo natural :

Há sempre uma determinação, uma vontade, uma certeza, uma calma da parte da personagem , que parece conhecer, dominar a situação, saber o que está fazendo, em relação à perspectiva de dúvida, de espanto, de perplexidade, que é do narrador e do leitor ignorantes, não viventes da situação. Aí o insólito (...) (COVIZZI, 1978, p. 89)

Deusa? Santa? Doida? Não é possível classificá-la. Depende da crença de quem a enxerga. Se por um lado efetivamente o texto afirma que o que ela falava acontecia, o narrador não presenciou nada, apenas ouviu falar do que aconteceu após sua partida. Poder-se-ia dizer que se assemelha a uma Sábia oriental, dona da calma e da capacidade de introspecção – é preciso lembrar que a menina pouco se manifesta e, quando se manifesta, é para dizer e fazer algo importante. Poderia ser também uma deusa grega, aquela que só atende

quando quer, afinal, “ninguém tinha real poder sobre ela”. Apesar de ter essas características, Nhinhinha não tem os traços humanos que os deuses gregos possuíam e parece ir além de apenas uma Sábia. Ela se aproxima mais da tradição cristã, que sua mãe tanto crê, apegada ao terço: faz milagres e, como uma mártir, morre, como aquela que mostra seu poder e se vai para mostrar aos incrédulos que nem tudo se pode explicar. Sua morte aumenta seu aspecto divino, como diz Bosi:

A morte prematura, repentina – puro não-senso para o pensamento racionalista – é, na perspectiva da devoção popular, um sinal da preferência divina, uma viso da Graça, um selo de eleição” (BOSI, 1988, p.27)

O crítico nos lembra de diversas crianças que morreram cedo e adquiriram santidade no imaginário popular, como “Antoninho da Rocha Marmo, Izildinha, Negrinho do Pastoreio, Inês, Martinha, Águeda, Luzia, Dorotéia, Apolônia, as filhas de Santa Felicidade”, bem como atenta para a explicação de suas mortes que encontramos no Livro da Sabedoria (4,14): “a sua alma era agradável a Deus; por isso Ele se apressou a tirá-la do meio das iniquidades”.

Benedito Nunes, em “O dorso do Tigre” compara Nhinhinha ao Menino, como também ao Moço (de “Um moço muito branco”), todos jovens sábios:

A infância ou a juventude é neles um estado de receptividade, de sabedoria inata, e tem dupla sentido: por um lado, remoto e nebuloso passado, que se confunde com as origens, e, por outro, prenúncio de um novo ser, ainda em esboço, que advirá do que é humano e terrenal. Sob o primeiro aspecto, essa infância simboliza a alma que nasceu da Unidade primordial e que, por isso, ainda participa da indistinção caótica, anterior à separação dos elementos e ao conflito dos princípios opostos do mundo sensível. É, por esse lado, potência obscura, indefinida, cuja natureza oscila entre o divino e o diabólico. Mas se assim é em seu aspecto noturno, ancestral, o símbolo da infância, desentranhável dos personagens a que nos reportamos , exprime, em sua face luminosa, a idéia de um novo nascimento, da reintegração da alma dividida, a qual deverá recuperar a sua unidade congênita e ingressar num estado de plena harmonia consigo mesma, harmonia que superará os contrários – o masculino e o feminino – que a dividem no estágio terreno de sua peregrinação. (NUNES, 1976, p.163)

Assim, O Menino, Nhinhinha e o Moço pertenceriam a um padrão mitológico das formas religiosas arcanas, a Criança Primordial ou Criança Divina:

Reminiscência de um estado originário que foi perdido, a Criança Divina é também a superior excelência de um estado ideal a conquistar. Além dessa ambivalência no tempo, ela possui o caráter ambíguo das teofanias primitivas, peculiar à dialética do sagrado, do numinoso. Seduz e fascina, aterroriza e inquieta. Força ambígua, seus efeitos ora são benéficos ora maléficos, podendo ser fonte do Bem ou causa do Mal. Possui um pólo luminoso, amável e propício, e outro sombrio, repelente e hostil – um pólo divino e um pólo demoníaco, reversível, pois que o diabo fascina e Deus é, por vezes, sombrio e tortuoso(NUNES, 1976, p. 165)

De fato pode-se analisar Nhinhinha como uma Criança Divina. Sua sabedoria seria, portanto, inata e inerente a essa condição, assim como a do Moço. Diferentemente deles, o Menino não tem uma sabedoria inata em geral, mas tem a sensibilidade aguçada e uma capacidade (essa sim, inata) de aprender facilmente em função dessa sensibilidade. Forma, assim, sua sabedoria.

O lado sombrio de Nhinhinha, menos presente, pertence ao fato de que ela é pouco compreendida, estranha, por isso temida. Por exemplo, um comportamento da menina que choca os demais é a naturalidade com que ela lida com a morte. Por outro lado, suas diferenças com relação às outras pessoas podem ser interpretadas como características do “estado ideal”, sendo mais sábia que os demais. Nhinhinha pode saber de algo que é oculto aos demais, que não partilham de sua condição, que não pertencem a “esse mundo”. Quieta, não poderia Nhinhinha estar filosofando ou comunicando-se com outra entidade? Seu vocabulário próprio, como “xurugou”, poderia pertencer ao sagrado. O que racionalmente seria imaginação, como Criança Divina Nhinhinha faz suas revelações, como a mensagem incompreensível de um Sábio que revela o que os demais ainda não alcançaram a capacidade de entender:

Ou referia estórias, absurdas, vagas, tudo muito curto: da abelha que se voou para uma nuvem; de uma porção de meninas e meninos sentados a uma mesa de doces, comprida, comprida, por tempo que nem se acabava; ou da precisão de se fazer lista das coisas que no dia por dia a gente vem perdendo. Só a pura vida. (p. 68)

Ao falar das coisas que se pode perder, Nhinhinha se aproxima da reflexão do Menino e, como ele, se assemelha a um adulto. Nas demais situações, porém, ela não apresenta semelhanças a um adulto ou a uma criança, ela vive uma idade única: “O mesmo dizia quando vinham chamá-la para qualquer novidade, dessas de entusiasmar adultos e crianças. Não se importava com os acontecimentos”. Cabe lembrar que no índice⁵ de *Primeiras Estórias* Nhinhinha aparece em vários desenhos dentro de círculos fechados, completos, como se vivesse em uma bolha.

Assim, Nhinhinha vive entre duas realidades, a própria, quando vive em estado meditativo e não interage com o exterior nem o percebe, e a realidade exterior, quando interage com ela tomando consciência do que acontece:

Ouvia o Pai querendo que a Mãe coasse um café forte, e comentava, se sorrindo: - “Menino pidão... Menino pidão...” Costumava também dirigir-se à Mãe desse jeito: - “Menina grande...Menina grande...” Com isso Pai e Mãe davam de zangar-se. Em vão. Nhinhinha murmurava só: - “Deixa... Deixa...” – suasibilíssima, inábil como uma flor.(p. 68)

Neste caso, os pais é que são vistos como crianças. Nhinhinha tem a “superior excelência” e os pais não sabem como lidar com seus mistérios: “Como puni-la? E bater-lhe, não ousassem; nem havia motivo. Mas, o respeito que tinha por Mãe e Pai, parecia mais uma engraçada espécie de tolerância”(p. 68).

Nas conversas com o narrador, Nhinhinha afirma que está “fazendo saudade” e que “eu quero ir para lá”. Não sabia para onde. Lá pode ser seu mundo – afinal, ela é A menina de lá – lá onde encerra sua peregrinação de Santa ou Criança Divina.

Comparado com Nhinhinha, o Moço, de “Um moço muito branco” também já surge em meio a mistérios. Assim como ela e o Menino, não possui nome. Surgiu num dia em que “um fenômeno luminoso se projetou no espaço” (p. 149) e houve um terremoto e um temporal. O Moço aparece no dia de São Félix, como “um coitado fugitivo desses, decerto persuadido de fome [...] era moço de distintas formas, mas em lástimas condições”, achado “detrás do

⁵ Anexo 1.

cercado das vacas” (p. 150). Era “Tão branco; mas não branquicelo, senão que um branco leve, semidourado de luz: figurando ter por dentro da pele uma segunda claridade”. Como Nhinhinha não era compreendido pelos demais:

Esse moço, pois, para ele sendo igual matéria o futuro que o passado? Nada ouvindo, não respondia, nem que não, nem que sim; o que era coisa de compaixão e lamentosa. Nem fizesse por entender, isto é, entendia, às vezes ao contrário, os gestos. (p. 150)

As semelhanças continuam. Como a menina, sentia saudade, “como se conseguisse, em si, mais saudade que as demais pessoas, saudade inteirada, a salvo do entendimento, e que por tanto se apurava numa maior alegria” (p. 151). Fez alguns milagres, como trazer a sorte para Hilário Cordeiro, a alegria de Viviana e a riqueza e a bondade para Duarte Dias. Contudo, seus milagres realizavam-se através do toque, do gesto, enquanto os de Nhinhinha eram realizados através da palavra. Como Nhinhinha, era alheio, mas enquanto a menina vivia dentro de casa, ele praticava sua liberdade explorando os espaços: “Ele andava muito na lua, passeava por todo lugar e alhonde, praticando aquela liberdade vaporosa e o espírito de solidão; parecesse alquebrado de um feitiço, segundo os dizeres do povo” (p. 153). O reconhecimento dos outros como diferente, enfeitado, é outra semelhança, se diferindo apenas pelo fato de que os pais de Nhinhinha tentaram guardar seus milagres dentro da família, enquanto o “feitiço” do Moço era público. Assim como ela também partiu no final do conto: “cintilava ausente”, como Nhinhinha se foi em um caixãozinho com “funebrihos”. Pode, como ela, ter terminado sua peregrinação terrena e alcançado a harmonia de Criança Divina.

Não há, em “Um moço muito branco”, a suspeita dos personagens de que ele fosse um Santo como Santa Nhinhinha, apenas enfeitado, sem ligá-lo à tradição cristã. Porém o conto fornece muitos dados que podem levar a essa interpretação. Ele apareceu no dia de São Félix e desapareceu no dia de Santa Brígida. Apareceu na fazenda, maltrapilho, cercado de vacas, como o Menino Jesus nasceu pobre em uma manjedoura. A única testemunha de sua aparição antes disso, no dia o temporal, foi José Kakende, um escravo “meio alforriado”, desacreditado como foi a prostituta Maria Madalena que primeiro viu Cristo ressuscitado. José afirma que quando o viu, “desceram os Arcanjos” (p. 152).

O Moço, portanto, assemelha-se a Jesus Cristo, como Nhinhinha a uma Santa, e ambos, a uma Criança Divina. Assim também poderia duvidar-se da autenticidade dessas estórias, como também afirmar que eles pertencem a outro mundo. O índice de *Primeiras Estórias* fornece as pistas, mas mantém a dúvida que permite os encantos das várias interpretações: Um moço muito branco, uma estrela cadente (como no nascimento de Cristo) e um disco voador⁶. Mantém-se a sabedoria de Nhinhinha e do Moço como um grande mistério.

⁶ Anexo 2.

Brejeirinha – A imaginação navega

Brejeirinha, mais uma das crianças sábias de *Primeiras Estórias*. Sábia como o Menino, sábia como Nhinhinha, mas diferente deles, mantendo o caráter diversificado do livro, que faz com que possamos enxergar diferentes modos de ser sábio em *Primeiras Estórias*.

Sua estória começa numa manhã em que “brumava e chuviscava” (p. 166), perfeita para que algo de mágico e extraordinário acontecesse, como o aparecimento de alguém capaz de fazer milagres, como o Moço de “Um moço muito branco”. Mas já aí começam as diferenças entre ele e Nhinhinha: não há nada extraordinário para acontecer, a magia de Brejeirinha é ela quem faz, a partir de elementos de sua realidade, num dia de chuva como outro qualquer. Assim como o Menino aprende a ver a beleza num momento único, na visão de pássaros e de um vagalume, Brejeirinha também vê essa beleza – mas é ela quem faz, ela que transforma o ambiente para que seja mágico. Nem Santa nem criança urbana a aprender os mistérios da vida, Brejeirinha é só uma menina do campo, com uma grande vivacidade, esperteza nata, mente inventiva e capacidade de perceber o que se passa ao seu redor – a sensibilidade presente nas demais crianças aqui estudadas.

Já no início do conto, podemos perceber que Brejeirinha é notada como diferente: a Mamãe cuidava de todos, mas “Da Brejeirinha, a menor, muito mais. Porque Brejeirinha, às vezes, formava muitas artes” (p. 167). Curiosa e reflexiva, ela diz: “Eu sei por que é que o ovo se parece com um espeto!” (p. 167). Afinal, “ela vivia em álgebra. Mas não ia contar a ninguém. Brejeirinha é assim, não de siso débil; seus segredos são sem acabar. Tem, porém, infimículas inquietações: - ‘*Eu hoje estou com a cabeça muito quente.*’ – isto por não querer estudar. Então, ajunta: - ‘*Eu vou saber geografia.*’. Ou: - ‘*Eu queria saber o amor...*’”. Pode-se aqui perceber uma menina que inventa suas teorias e sabe muito mais do que os outros imaginam – ela não conta a

ninguém. É inquieta por conhecimento, muito mais de vida (o amor) do que o conhecimento formal, aquele que ela não queria estudar, e que para isso inventou uma desculpa de adulto, a cabeça quente.

Embora tivesse muitos segredos, Brejeirinha gostava de mostrar que sabia, mesmo que para isso precisasse ser incompreensível, provavelmente sem nem saber o que estava dizendo – ou os outros é que não entendem a linguagem dela? Ela pergunta então: “com superior modo e calor de expressão, deduzidos de babinhas – ‘Zito, tubarão é desvairado, ou é explícito ou é demagogo?’ Porque gostava, poetisa, de importar desses sérios nomes, que lampejam longo clarão de escuro de nossa ignorância”. (p. 168)

O maior feito de Brejeirinha, no entanto, ainda estava por vir. É a criação da estória do Audaz Navegante. O próprio nome já diz muito da menina: embora grafasse Aldaz como alguém que “não sabe ler nem o catecismo” (p. 168), Brejeirinha escolheu uma palavra utilizada mais na norma culta e, principalmente, na literatura, não no vocabulário de uma criança. Assim, a escolha da palavra ficou adequada ao contexto de estória e também ao conteúdo dessa estória, uma viagem marítima. Brejeirinha ainda teve a capacidade de misturar mundo real e imaginário em sua estória, ao transpor para o mundo fictício do Audaz Navegante a estória real dos enamorados Zito e Ciganinha, seu primo e sua irmã, que haviam brigado.

O conto não informa a idade de Brejeirinha, mas diz que ela é a menor das irmãs e ainda não sabe ler bem. Nestas condições é bastante inteligente saber misturar real e imaginário sem nem mencionar que isto está sendo feito, já que é uma qualidade que se adquire com o tempo e a idade e muitos adultos ainda têm dificuldade. Ainda dentro de casa, empolgada, Brejeirinha conta:

O Aldaz Navegante, que foi descobrir os outros lugares valetudinário. Ele foi num navio, também, falcatruas. Foi de sozinho. Os lugares eram longe, e o mar. O Aldaz Navegante estava com saudade, antes, da mãe dele, dos irmãos, do pai. Ele não chorava. Ele precisava respectivo de ir. Disse: - “Vocês vão se esquecer muito de mim?” O navio dele, chegou o dia de ir. O Aldaz Navegante ficou batendo o lenço branco, extrínseco, dentro do indo-se embora do navio. O navio foi saindo do perto para o longe, mas o Aldaz Navegante não dava as costas para a gente, para trás. A gente também inclusive batia os lenços brancos. Por fim, Não tinha mais navio para se ver, só tinha o resto de mar. Então, um pensou e disse: - “Ele vai descobrir os lugares, nós não vamos nunca descobrir...” Então e então, outro

disse: - “Ele vai descobrir os lugares, depois ele nunca vai voltar...”
Então, mais, outro pensou, pensou, esférico, e disse: - “Ele deve de ter, então, a alguma raiva de nós, dentro dele, sem saber...” Então todos choraram, muitíssimos, e voltaram tristes para casa, para jantar... (p. 168) (grifo nosso)

É importante pensar no papel de Zito no conto, ele, o “de fora; só primo” (p. 166). É ele que é representado na figura do Audaz Navegante e é ele que, na ausência da figura paterna, assume esse papel. Pode-se ver o papel de Zito quando as crianças vão passear. É preciso que alguém cuide delas. E Zito é escolhido, “essa pessoa de acompanhar, um meiozinho-homem, leal de responsabilidades”(p. 170).

As figuras de Zito e do pai das crianças se fundem nesse primeiro trecho da estória do Audaz Navegante. Brejeirinha assume o poder de recriar essa história, a sua história real, misturando-a à do primo e assim tecer uma terceira. Após a criação do Audaz Navegante, sua família se zanga e questiona: “*Por que você inventa essa história de de tolice, boba, boba?*” (sic) (p. 169). Brejeirinha responde: “*Porque depois pode ficar bonito, uê!*” (p. 169) – como quem tem esperança ou vê a oportunidade de poder decidir o que vai acontecer. É assim que ela cria um final feliz:

Então, pronto. Vou tornar a começar. O Aldaz Navegante, ele amava a moça, recomeçado. Pronto. Ele, de repente, se envergonhou de ter medo, deu um valor, desassustado. Deu um pulo onipotente... Agarrou, de longe, a moça, em seus abraços... Então, pronto. O mar foi que se apavorou-se. Arres! O Aldaz Navegante, pronto. Agora, acabou-se, mesmo: eu escrevi – ‘Fim!’ (p. 173).

Brejeirinha é tida como “analfabetinha” (p. 169), mas lê com a imaginação: “para ler ela não precisava virar página” (p. 169). Pode-se lembrar do que diz Paulo Freire em seu artigo “A importância do ato de ler”: “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra, e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.” (FREIRE, 1988, p.20). Isso quer dizer que antes de saber decifrar o código de leitura, o indivíduo acumula conhecimento de vida – não importa se ele é criança e/ou analfabeto. Brejeirinha, assim, lia o mundo, seja com sua imaginação, seja com seus olhos de criança. Imaginava. Brincava com as palavras sem censura, seja criando algumas novas ou utilizando as que poucos usam: “*ui, ui-te!*” (p. 167), valetudinário (p. 168), muitíssimos (p. 169), sem-nosco (p. 169), escrutínio (p. 172), parambolava (p.

172), circunspectos (p. 172), extrínseco (p.168), esférico (p. 168). Ela possuía, então, uma familiaridade com termos eruditos, mas fazendo um trabalho diferente de linguagem: não usa esses termos nos contextos tidos como apropriados. Quer parecer mais velha, entendida, como a Emília do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Assim, esse uso do erudito em contextos diferentes provoca estranhamento e leva a uma leitura poética de seu discurso.

Tinha, portanto, sabedoria de criança, aquela com que os adultos podem aprender coisas importantes que nunca pensaram ou já esqueceram: a criança, não conhecendo as responsabilidades e exigências do mundo adulto, permite-se sonhar, fazendo com que sua criatividade trabalhe sem barreiras. Como disse Oswald de Andrade:

3 de maio
Aprendi com meu filho de dez anos
Que a poesia é a descoberta
Das coisas que eu nunca vi (ANDRADE, 1990, p. 99)

Brejeirinha conhece a poesia, no mesmo sentido usado por Oswald em “3 de maio”. É esse conhecimento e essa liberdade surgida com ele que faz da criança, tão abordada em *Primeiras Estórias*, um excelente tema. Se em *Primeiras Estórias* temos muitos loucos e crianças, podemos ver que há um pouco de criança nos loucos e um pouco de louco nas crianças – ambos não têm a mesma censura do mundo adulto. Também por isso muitas vezes as crianças não recebem crédito dos adultos. Oswald, por sua vez, nos diz que há aqui uma sabedoria infantil que deve ser valorizada. É a essa sabedoria que Oswald quer regressar e que faz Brejeirinha inventar, viajar ao desconhecido (onde tudo pode acontecer), transformar esterco em estória. É também essa sabedoria que Guimarães Rosa parece homenagear com as invencionices de Brejeirinha.

Brejeirinha não fazia milagres, mas como mágica a chuva se acalmou. Foi então passear com suas irmãs e o primo. O casal Ciganinha e Zito logo já estava “em pé de paz” (p. 170). Brejeirinha continua demonstrando sua esperteza, nomeando coisas, interagindo com o ambiente. Chama o esterco de “o bovino” (p. 170). Após cair, conclui: “Agora, já me sujei, então agora posso

não ter cuidado...". À beira do rio, "Cravou varetas de bambu, marcando pontos, para medir a água em se crescer, mudando de lugar" (p. 171).

Ao avistar novamente o esterco, Brejeirinha soube fazer da sujeira a demonstração concreta de sua estória, mostrando o dom da transformação:

Olhou-se. Era: aquele – a coisa vacum, atamanhada, embatumada, semi-ressequida, obra pastoril no chão de limugem, e às pontas dos capins – chato, deixado. Sobre sua eminência, crescera um cogumelo de haste fina e flexuosa, muito longa: o chapeuzinho branco, lá em cima, petulante se bamboleava. O embate e a orla da água, enchente, já o atingiam, quase.

Brejeirinha fez careta. Mas, nisso, o ramilhete de Pele se desmanchou, caindo no chão umas flores. – *Ah! Pois é, é mesmo!*" – e Brejeirinha saltava e agia, rápida no valer-se das ocasiões. Apanhara aquelas florinhas amarelas – josés-moleques, douradinhas e margaridinhas – e veio espetá-las no conrô do objeto – *"Hoje não tem nenhuma flor azul?"* – ainda indagou. A risada foi de todos, Ciganinha e Zito bateram palmas. – *"Pronto. É o Audaz Navegante..."* – e Brejeirinha crivava-o de mais coisas – folhas de bambu, raminhos, gravetos. Já aquela matéria, o "bovino", se transformava. (p.173)

E o Audaz Navegante, de fato, partiu com as águas.

Nhinhinha era Santa, Criança Divina com sabedoria inata, e sua palavra transformava o mundo. No conto "A partida do Audaz Navegante", Brejeirinha, por sua vez, transformava-o através da ação, guiada pela mente inventiva privilegiada – também inata. Não era uma Criança Divina, uma criança fora do normal, era apenas uma menina que fazia o que as outras faziam, mas de maneira muito perspicaz, sabendo ler o mundo de maneira muito mais sensível. Entre o mundo primitivo e cheio de crenças de Nhinhinha e o mundo racional e urbano do Menino, Brejeirinha está no meio, criando-se no campo e deixando-se levar pela imaginação. Como o Menino, aprende, sim, com o que vê, e entende muito bem o que vê, com sua sensibilidade aguçada. Mas como Nhinhinha, também oferece muito ao mundo com o que faz acontecer. Brejeirinha era audaz. E também sabia navegar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar *Primeiras Estórias*, pode-se constatar que Menino, Nhinhinha e Brejeirinha possuem semelhanças e diferenças. A primeira coisa a se considerar é de onde eles vieram. O Menino, de um ambiente urbano; Nhinhinha, de um sítio isolado (talvez do sertão) e Brejeirinha, de um ambiente rural, com várias marcas de modernização.

O Menino é o que parece ter mais capacidade de aprendizado. Isso vem do fato de que é ele que é confrontado com questões existenciais e é nele que podemos acompanhar, em dois contos, uma evolução. No primeiro conto, é um menino com pensamento “na fase hieroglífica”. Ainda assim, já aprende as bases do que aprenderia definitivamente mais tarde – a decepção, a morte, a vida, o otimismo. Tudo isso com pássaros, vagalumes, com as coisas que vê. Mais tarde, em “Os cimos”, ele se confronta com tudo isso não mais com o que vê, mas com o que vive. É sua mãe que está doente. Então não aprende somente que a plenitude e a finitude podem passar de uma para outra rápido demais, mas que ter consciência de que ambas convivem é o primeiro passo para viver bem. A alegria completa dura pouco, mas ela sempre pode vir após um período tortuoso – e com fé, o final pode ser feliz. Sua mãe está curada. E é esse desejo atendido que o liga a Nhinhinha – uma menina que pouco se parece com ele. A sabedoria de Nhinhinha é ligada ao mito. Se o Menino é o personagem que vai para a moderna cidade em construção, Nhinhinha está isolada, não só em sua própria casa como em seu próprio mundo, incompreensível para os demais. É a contraposição entre o moderno e o primitivo. A sabedoria da reflexão e a sabedoria do mito – a sabedoria inata de uma Santa, uma Criança Divina. É Nhinhinha que se liga mais ao sagrado do que os demais. Entre o Menino e Nhinhinha, há Brejeirinha, que não é nem urbana, nem primitiva. Ela é quem realiza os milagres da imaginação. É ela também que mais se parece com uma criança normal. Mas não é toda criança

que consegue ter a criatividade de Brejeirinha. Se está distante de Nhinhinha, vivendo esta em sua própria bolha, e Brejeirinha no mundo – inclusive o imaginário – ambas estão perto na medida em que oferecem seu dom ao mundo. O Menino, por sua vez, usa seu dom para extrair do mundo a sabedoria dele, ainda que possa compartilhá-la com os demais.

De certo modo, talvez seja possível dizer que se pode encontrar outras articulações entre os contos de *Primeiras estórias*, seguindo a proposta de Rosenfield (2006). Neste trabalho, há o fio da infância, da criança que constrói uma sabedoria do coração, da imaginação e da fantasia. Depois de “As margens da alegria”, de “A menina de lá” e de Brejeirinha, o Menino de “Os Cimos” parece pronto para iniciar um novo ciclo. Ele traz a força da palavra mítica de Nhinhinha e da imaginação de Brejeirinha, quando por sua palavra imagina que a mãe está boa, o que nos leva ao aspecto mítico e primitivo do personagem. Contudo, tem consigo a aprendizagem (emocional e racional) que adquiriu ao passar pelo problema da doença da mãe, fazendo com que tenha, assim, aspectos de Nhinhinha e de Brejeirinha e alguns próprios de si, de seu caminho. Representa, então, um novo ciclo, que traz o melhor do ciclo anterior como uma forma de evolução.

Rurais ou urbanos, santos ou humanos, nas margens ou nos cimos, certo é o fascínio que estes personagens podem provocar. O maior legado deles é ensinar que sim, a sabedoria pode estar na infância. Nos menores detalhes. Nas semelhanças e nas diferenças.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. **Pau-Brasil**. Rio de Janeiro: Globo, 1990.

BENJAMIN, Walter. *O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad: Sérgio P. Rouanet; prefácio: Jeanne M. Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Alfredo. **Céu, Inferno. Ensaios de crítica literária e ideológica**. São Paulo: Ática, 1988.

CASTRO, Antônio Carlos Drummond Monteiro de. **O trem do sertão: As Primeiras Estórias e a sabedoria chinesa**. Campinas: UNICAMP, 1999. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1999. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000200013>> Acessado em: 19 nov. 2009

COUTINHO, Eduardo. **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

COVIZZI, L. M. **O insólito em Guimarães Rosa e Borges**. São Paulo: Ática, 1978.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1988.

NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

RÓNAI, Paulo. *Os vastos espaços*. In: ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSENBAUM, Yudith. *Guimarães Rosa e o canto da desrazão*. **Ângulo**, v. 115. Rio de Janeiro, out-dez, 2008. Disponível em: <<http://publicacoes.fatea.br/index.php/angulo/article/viewFile/111/97>>. Acesso em: 10 dez. 2009.

ROSENFELD, Kathrin Holzemayr. ***Desenveredando Rosa – A obra de J. G. Rosa e outros ensaios rosianos***. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

<http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/resumos_comentarios/a_a_partida_do_audaz_navegante_conto>. Acessado em: 08 dez. 2009.

ANEXOS

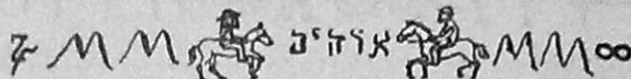
Primeiras estórias

As margens da alegria	49
	
Famigerado	56
	
Sorôco, sua mãe, sua filha	62
	
A menina de lá	67
	
Os irmãos Dagobé	73
	
A terceira margem do rio	79
	
Pirlimpisquice	86
	
Nenhum, nenhuma	97
	
Fatalidade	107
	
Seqüência	113
	

O espelho 119



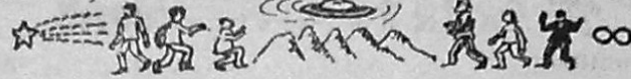
Nada e a nossa condição 129



O cavalo que bebia cerveja 141



Um moço muito branco 149



Luas-de-mel 156



Partida do audaz navegante 166



A benfazeja 176



Darandina 188



Substância 205



— Tarantão, meu patrão... 213



Os cimos 224

